

A TERCEIRIZAÇÃO DO CUIDADO INFANTIL: UMA SOLUÇÃO SUFICIENTEMENTE BOA?

Marina Gomes de Miranda Sales¹

Renata Medeiros Costa²

Narjara Medeiros de Macedo³

RESUMO

O presente trabalho busca estudar o lugar que é destinado às crianças em sua família na contemporaneidade, seus vínculos, a importância de uma base familiar e o reflexo da terceirização do cuidado no desenvolvimento afetivo infantil. Tem como principal objetivo, compreender e analisar a problemática da terceirização do cuidado infantil, a fim de explicar suas repercussões, o lugar que é destinado às crianças na contemporaneidade, seus vínculos, a importância de uma base familiar e o reflexo da delegação do cuidado no desenvolvimento afetivo infantil. Este estudo se configura em uma revisão bibliográfica integrativa, sendo uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, com abordagem teórica pautada na perspectiva psicanalítica de Winnicott e na teoria do apego de Bowlby. Na pesquisa, constatou-se uma escassez de periódicos que abordem a temática, o que leva a crer na necessidade de investimento em publicações, visto que o assunto se faz presente na contemporaneidade e tem sua relevância na sociedade, com isso, verificou-se a necessidade de buscar entender como ficam as relações, diante da demanda atual e de que forma os reflexos podem ser amenizados. A terceirização do cuidado poderá acarretar em um processo de fragilização do vínculo. O cuidado que a criança recebe, principalmente nos primeiros anos de vida, é decisivo para o seu desenvolvimento afetivo e pode trazer desdobramentos em vários aspectos.. A

¹ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNIRN. Email: marinagmsales@gmail.com

² Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNIRN. Email: renata_mcosta@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia - UFRN. Especialista em Psicologia da criança e do adolescente pelo Nucleo de estudos socioculturais da infância e da adolescência. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNIRN. Email: narjaramacedopsi@gmail.com

continuidade desse estudo é relevante, pois apresenta perspectivas contemporâneas dos modos de cuidar da infância e de oportunizar ambientes, suficientemente bons, e vínculos seguros para o desenvolvimento da saúde mental.

Palavras-Chave: Infância. Vínculo. Cuidado.

OUTSOURCING CHILD CARE: A GOOD ENOUGH SOLUTION?

ABSTRACT

The present work seeks to study the place that is destined to the children in their family in the contemporaneity, their ties, the importance of a family base and the reflection of the outsourcing of the care in the affective development infantil. Tem as main objective, to understand and to analyze the problematic of the outsourcing of child care, in order to explain its repercussions, the place that is destined to the children in the contemporaneousness, their ties, the importance of a family base and the reflection of the delegation of care in the affective development of children. This study is configured in an integrative bibliographical review, being a descriptive research, of qualitative nature, with theoretical approach based on the psychoanalytic perspective of Winnicott and Bolwby's attachment theory. In the research, there was a shortage of periodicals that approach the theme, which leads to believe in the need of investment in publications, since the subject is present in the contemporaneity and has its relevance in society, with that, it was verified the need to seek to understand how the relationships are, given the current demand and in what way the reflexes can be softened. Outsourcing of care may lead to a process of weakening the bond. The care that the child receives, especially in the first years of life, is decisive for its affective development and can bring unfolding in several aspects. The continuity of this study is relevant, since it presents contemporary perspectives of the ways of taking care of the childhood and of opportunizing environments, good enough, and safe links for the development of mental health.

Keywords: Childhood. Bond. Caution.

1.INTRODUÇÃO

A produtividade e a corrida contra o tempo são constantes exigentes para que seja possível atender as demandas cotidianas atreladas às responsabilidades do mundo adulto contemporâneo, como necessidades profissionais e pessoais. Refletindo sobre a familiar atual, é pertinente o trecho da cantiga de ninar: “nana neném que a cuca vem pegar, papai foi pra roça e mamãe foi trabalhar”, à medida que sugere o questionamento: se papai foi pra roça e mamãe foi trabalhar, com quem a criança vai ficar? Na dinâmica em que se encontra o mundo contemporâneo, famílias tentam se adequar de várias formas às demandas pertinentes à criação/educação de seus filhos, delegando o cuidado, muitas vezes integral, à terceiros (instituições e profissionais autônomos, tais como babás, enfermeiras, creches, irmãos mais velhos e outros familiares). Emerge, assim, uma análise da terceirização do cuidado infantil e consequentes questões: que lugar é destinado à criança contemporânea em relação à família? Como o distanciamento dos pais influencia no desenvolvimento afetivo da criança?

A fim de atenuar os questionamentos, já mencionados, e tantos outros, o presente trabalho busca estudar, por meio de revisão bibliográfica, a problemática envolvente à terceirização do cuidado infantil, a fim de explanar suas repercussões, o lugar que é destinado às crianças na contemporaneidade, seus vínculos, a importância de uma base familiar e o reflexo da delegação do cuidado no desenvolvimento afetivo infantil. Para isso, foi realizado levantamento histórico, a fim de estruturar o termo “terceirização” com objetivo de promover maior assertividade para o leitor que interpreta o texto aqui escrito.

O ser humano possui a capacidade de observar, perceber, criar, e recriar-se constantemente, estando em um movimento de busca e anseio por preenchimento de novos conhecimentos. Entretanto, ao abeirar-se das explicações que rastreia, defronta-se com novos questionamentos que servem de combustível para entregar-se cada vez mais ao campo do saber.

Essa busca humana incessante é motivada, por vezes, pela necessidade de sobreviver em grupo, de contribuir com o outro e também de encontrar-se a si mesmo enquanto ser no mundo. Não há como trabalhar apenas com a certeza sensível e verificada, pois todo fato traz consigo uma contradição e um conflito, que

pode ser amenizado ou esclarecido através do diálogo com a aproximação e envolvimento de determinado objeto para a explicação da realidade (ATLAS, 2014).

O fato aqui mencionado, fala sobre as vivências do próprio sujeito, que incorpora seus conhecimentos, suas práticas, suas emoções e suas conquistas, sendo, tais incorporações, aquilo que o constituem e o dão forma como ser no mundo. Levando em consideração que suas vivências dão lugar ao quociente subjetivo que é, se faz necessário refletir sobre os aspectos que cercam o infante ao longo de seu desenvolvimento, sob as circunstâncias de delegação do cuidado do sujeito à terceiros.

Bleichmar e Bleichmar ao tratarem sobre Winnicott expõem que a criança nasce indefesa. É um ser desintegrado, que percebe de maneira desorganizada os diferentes estímulos provenientes do exterior. O bebê nasce também com uma tendência para o desenvolvimento. A tarefa da mãe é oferecer um suporte adequado para que as condições inatas alcancem um desenvolvimento ótimo. Assim, é na família que a criança inicia os seus primeiros contatos afetuosos e formação de vínculos, para depois se estender ao social. A formação de vínculos sociais, são constituintes da subjetividade do indivíduo e também da construção particular do mundo pelo qual a criança vive, cria e significa.

Assim, conhecendo o objeto deste estudo - A terceirização do cuidado infantil: uma solução suficientemente boa? – No intuito de balizá-lo, foi elaborado o seguinte problema de pesquisa: De que forma a terceirização do cuidado infantil impacta no desenvolvimento afetivo da criança?

Através de uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, com revisão bibliográfica integrativa, foi proposta uma abordagem teórica pautada na perspectiva psicanalítica de Winnicott, estabelecendo relações com a teoria do apego de Bowlby, para discussão acerca dos vínculos afetivos e consequências da terceirização do cuidado infantil. No intuito de nortear o desenvolvimento do trabalho, foram utilizadas referências clássicas pertinentes aos autores supracitados, bem como as plataformas acadêmicas Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) para o acesso às produções acadêmicas contemporâneas a respeito do tema.

O trabalho que segue foi estruturado por meio de um percurso histórico que alicerça o eixo central desta produção. Inicialmente, foi explanada a trajetória

histórica do conceito de infância e de família, bem como as atualizações da dinâmica sistêmica em virtude das demandas sociais que as permearam, como, também, seus desdobramentos que refletiram na inserção da mulher no mercado de trabalho. Ambos os tópicos introduzem a temática nuclear deste artigo, possibilitando a conceitualização do termo “terceirização” e suas flexões para além do contexto organizacional que é o foco deste trabalho: terceirização do cuidado infantil.

Em seguida são apresentadas as contribuições teóricas de Winnicott e Bowlby, em busca de aproximações teórico-conceituais. Por fim, o trabalho foi fechado com a exposição dos resultados da pesquisa nas bases científicas virtuais e com a conclusão acerca de toda a produção, analisando os materiais encontrados.

2. METODOLOGIA

Este estudo se configura em uma revisão de literatura integrativa, instrumento da Prática Baseada em Evidências (PBE), que propõe uma síntese rigorosa de todas as pesquisas relacionadas a uma questão específica (MENDES, 2008). Nesse trabalho, partindo da questão da terceirização do cuidado infantil na perspectiva psicanalítica de Winnicott e na teoria do apego de Bowlby, sumarizamos a literatura existente acerca dos vínculos afetivos e consequências da terceirização do cuidado infantil, no intuito de nortear o desenvolvimento do trabalho.

Nessa linha, na revisão de literatura encontramos referências nos livros de Bowlby e Winnicott que com suas teorias do vínculo e do amadurecimento, respectivamente, alicerçaram a construção desta produção acadêmica. Do ponto de vista da discussão do contexto histórico e social, da infância e da família, utilizamos o referencial de Ariès e por, tratar-se de um tema atual e de nomenclatura recente, encontramos apenas um livro cujo título é congruente ao tema do presente artigo: “A criança terceirizada”, de autoria de José Martins Filho, que buscou abordar a temática dentro do cenário contemporâneo, estando em sintonia com nossa proposta de estudo.

Durante o processo de busca de informações acerca do tema proposto, identificou-se uma escassez de materiais disponíveis que viessem a facilitar o desenrolar deste artigo. Por isso, foram adotadas estratégias de busca, através das plataforma de base de dados científicos SCIELO, LILACS E PEPSIC, utilizando palavras chaves, a fim de filtrar dados relevantes que contribuam para subsidiar este

estudo. Podemos notar que expressões como: “Infância”, “cuidado”, “família”, “maternagem” “holding” e “vínculo” podem ser indicados como facilitadores no processo de busca, visto que ajudaram a encontrar, de forma objetiva, informações pertinentes ao tema problematizado.

Em contrapartida, termos como “terceirização” e “delegar cuidado” sem que seja mencionado o termo “infância” e/ou “psicologia” mostraram resultados ineficazes para o objetivo proposto na pesquisa, o que remete a um critério de exclusão, na medida em que tal busca gera resultados que destoam do foco do estudo proposto, pois foram detectadas pesquisas que abordavam áreas não pertinentes à construção deste artigo, como, por exemplo, artigos sobre enfermagem e direito. Outro contraponto observado, em relação as palavras já mencionadas, foi o encontro de textos referentes à faixas etárias que destoam do público alvo optado, como idosos e adultos em situação de cuidados paliativos. Por fim, foram excluídos os artigos com mais de 10 anos de publicação, uma vez que se distanciam das questões de contexto social e histórico trabalhado nesta produção.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 História da infância

Philippe Ariès em uma de suas obras, retrata o conceito de infância e sua evolução, expondo que os adultos destinavam pouca atenção às crianças no decorrer da idade média. Ariès concluiu que a infância não era reconhecida, ou seja, não tinha o seu devido lugar na sociedade. Apenas a partir do século XVII, a imagem da criança sozinha começou a aparecer em obras de artes; Desde então, o lugar da criança na família e sociedade passou a ter características condizentes com a contemporaneidade, visto que no XVII os retratos de família se organizavam em torno da criança.

Segundo Ariès (1978, p.156):

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente à

criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Na trajetória da construção do termo infância, observa-se que houve diferentes noções e lugares pertencentes à criança, onde a fragilidade e desvalorização estavam presentes, de modo que as questões sociais influenciaram diretamente nas condutas dos adultos que não permitiam aos infantes um lugar identitário.

Conforme explana Ariès (1978,p.150):

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval desconhecia.

Contudo, no século XVIII a criança assume lugar de destaque no núcleo familiar. De acordo com Ariès (1981, p.164):

Tudo que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas, também, sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.

Os relatos citados acima revelam que a criança, em sua construção sócio histórica, sempre teve pouca consideração e importância, tendo em vista que o abandono, falta de atenção e de cuidado estiveram presentes em diversas sociedades e diferentes culturas até meados do século XVIII. As crianças não eram tratadas como tal, dando a impressão de que, de fato, não havia um olhar ou interesse em valorizar a infância.

3.2 História da família

Historicamente, o termo família teve sua origem no Direito Romano, influenciando todo o processo de evolução histórica do termo e refletindo no modelo presente na Constituição Brasileira atual. Segundo Wald, Arnaldo (2004, p.57), a família era, simultaneamente, uma unidade econômica, religiosa, política e jurisdicional. Inicialmente, havia um patrimônio só que pertencia à família, embora administrado pelo *pater*.

Para o direito romano, a base da família era patriarcal, modelo que detém centralização do poder no pai: responsável por chefiar esposa, filhos, descendentes e, também, arcando com as obrigações financeiras do “*pater familias*” – termo designado para o patrimônio que, na época, não era da família e, sim, do “*pater*” – (DANTAS, 1991, p.19).

Com o acontecimento do império, a visão de família sofreu mudanças para os romanos: a mãe passa a poder ficar com a guarda dos seus filhos, ganha mais autonomia e participação na vida social e política (WALD, 1990, p.22), o que é retomado na Constituição Federal de 1988, que ressalta a função social da família no Brasil, através da igualdade absoluta dos cônjuges e dos filhos. (GOLÇALVES, 2008, p.19). O movimento feminista atrelado a esta constituição, foi substituindo a estrutura patriarcal, sendo este um importante gatilho no processo de mudanças referentes aos papéis sociais do homem e da mulher, que, durante muito tempo, foi considerada como responsável pela criação dos filhos e cuidado com a casa.

3.3 A inserção da mulher no mercado de trabalho

A participação da mulher no mercado de trabalho teve início com as I e II Guerras Mundiais. Os homens iam para as batalhas e as mulheres assumiam os negócios da família, consequentemente a posição de seus maridos no mercado. Quando a guerra acabou, muitos homens haviam morrido, e os que sobreviveram, ficaram impossibilitados de trabalhar, pois tinham sido mutilados. Dessa forma, houve a necessidade de as mulheres deixarem suas casas e filhos para passarem a fazer o trabalho que antes era realizado pelos homens (PROBST, 2003, p.1).

Em decorrência da inevitabilidade de prover as necessidades básicas às famílias, no período do pós guerra, as mulheres se inseriram no mercado de trabalho por questão de sobrevivência.

A inserção da mulher no mercado de trabalho representa adoção de um novo papel social, antes visto como exclusivamente dos homens. Esse novo lugar da mulher induz a uma otimização do tempo, tendo que haver uma distribuição entre as tarefas domésticas, a rotina de trabalho e o cuidado dos filhos.

Emerge, assim, a necessidade de atribuir o cuidado dos filhos a outros responsáveis: Instituições e/ou profissionais autônomos. À essa delegação de cuidado, denominamos de terceirização do cuidado infantil.

3.4 Terceirização

Para o autor Martins (2005,p.19)

Terceirização deriva do latim *tertius*, que seria o estranho a uma relação entre duas pessoas. No caso, a relação entre duas pessoas poderia ser entendida como a realizada entre o terceirizante e o seu cliente, sendo que o terceirizado ficaria fora dessa relação, daí, portanto, ser terceiro. A terceirização, entretanto, não fica restrita a serviços, podendo ser feita também em relação a bens ou produtos.

O conceito de terceirização é comumente ligado à permuta de atividades relativas à relações de trabalho, sendo geralmente em um contexto organizacional, cada qual com sua finalidade, portanto, ao pesquisar as definições do termo, se encontra facilmente o termo designando-o a situações que sejam ligadas à serviços, bens ou produtos.

Lapidando o conceito à demanda contemporânea de especialização da mão de obra, Rodolfo Pamplona caracteriza a terceirização como um trabalho exercido por profissionais treinados e habilitados para executar tal tarefa, estando, então, mais preparados para lidar com as especificidades de seu trabalho. Havendo uma transferência do bloco do processo de produção da empresa, para outros de menor tamanho, mas de maior especialização na tarefa transferida.

3.5 Terceirização do cuidado infantil

A terceirização do cuidado de um filho poderá acarretar em um processo de fragilização do vínculo, na medida em que implica na delegação da responsabilidade e educação a terceiros, distanciando a criança do convívio com seus genitores.

Martins (2007, p.63) afirma que delegar a terceiros a função de cuidador, educador, alimentador, é uma forma diferente e “modernosa” de cuidar dos filhos na atualidade. No cenário corrido da contemporaneidade, cada vez mais o cuidado dos filhos encontra-se delegado à terceiros. Mostrando que crianças terceirizadas tendem a apresentar muito mais problemas emocionais por toda a vida, dificuldades na escola, no trabalho e nos relacionamentos pessoais, são mais suscetíveis a doenças psicossomáticas, entre outros reflexos.

O cuidado que a criança recebe, principalmente nos primeiros anos de vida, é decisivo para o seu desenvolvimento socioafetivo e pode trazer desdobramentos em vários aspectos, sobretudo, sua saúde emocional. O reconhecimento da importância das primeiras relações e vínculo do bebê com a mãe (ou mãe substituta) como a base para o desenvolvimento é um tema recorrente no campo da psicanálise. Numa perspectiva histórica, Freud, em seu artigo “Instintos e suas vicissitudes”, escrito em 1915, discute que a criança possui necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, sobretudo de alimento e conforto. O interesse do bebê em uma figura humana, especificamente a mãe, é devido ao fato de ser ela a fonte de sua satisfação.

De acordo com a teoria dos instintos, a vinculação com a figura materna é vista como impulso secundário, sendo a ligação afetiva do bebê com a mãe uma consequência de que é ela quem satisfaz suas necessidades fisiológicas básicas.

Diversos psicanalistas e pesquisadores ampliaram a teoria psicanalítica, concordando ou divergindo de alguns de seus pontos, constituindo campo fértil para o desenvolvimento de novas teorias, tais como as advindas dos teóricos das relações objetais. Um dos estudiosos das relações vinculares e da formação do apego é o psicanalista René Spitz, que discutiu a influência da ausência dos pais e do afeto no desenvolvimento infantil em orfanatos. Ainda que os bebês fossem alimentados e vestidos, a falta de afeto, colo e embalo era indicativa de dificuldades no desenvolvimento físico, na aquisição de peso, no interesse pelas relações, nos adoecimentos e óbitos.

Winnicott, psicanalista inglês e teórico das relações objetais, afirma que todo indivíduo é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento. Mas, apesar de inata, trata-se de uma tendência e não de uma determinação. Para que a tendência venha a se realizar, o bebê depende fundamentalmente da presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons.

Na jornada de desenvolvimento emocional primitivo, que percorre os períodos da dependência absoluta e relativa até o período da autonomia relativa, o primeiro ambiente facilitador na vida do bebê, é a própria mãe. Quando esta desenvolve o que chamou de preocupação materna primária, encontra-se em um processo capaz de compreender o bebê por meio de uma surpreendente capacidade de identificação, constituindo-se com ele em uma unidade, auxiliando-o a integrar-se. Além disso, o ambiente suficientemente bom apresenta cuidados estáveis, previsíveis e confiáveis, estabelecendo relações de mutualidade, interpretação das necessidades do bebê, *holding* (suporte físico e psíquico) e *handling* (manuseio do corpo para correspondência às necessidades, que organiza e dá contorno gradual distintivo entre a realidade interna e externa). As falhas primitivas e insuportáveis são aquelas que operam por intrusão ou negligência sobre as necessidades essenciais do bebê, levando-o a defesas diversas que englobam desde o falso self até as patologias mentais. (DIAS, 2003; BLINDER, KNOBEL, SIQUIER, 2011, WINNICOTT, 1982, 2000)

Um outro estudioso das relações objetais é Bowlby, que descreveu a importância das primeiras relações mãe-bebê ou cuidador-bebê para o desenvolvimento, formulando a teoria do apego. A partir de seus estudos, Bowlby afirma que a relação entre o bebê e sua mãe não se desenvolve pela alimentação; mas sim, pelo sentimento de segurança. Dessa forma, os comportamentos de apego se referem a um conjunto de condutas inatas exibidas pela criança, que promovem a manutenção ou o estabelecimento da proximidade com sua principal figura provedora de cuidados. É importante destacar que a busca de proximidade física e a exploração do ambiente tem início no primeiro ano de vida, permanecendo intensas durante a primeira infância. Segundo a perspectiva de Bowlby, o apego se baseia na concepção de que a relação precoce que se desenvolve entre o bebê e o cuidador fornece os fundamentos necessários para seu desenvolvimento posterior, na qual essa ligação inicial contribui para o bem-estar psicológico desta criança.

Apesar de Bowlby e Winnicott terem concepções de estudo diferentes, ambas as teorias contribuem de forma significativa na construção do estudo proposto, visto que introduzem assuntos fundamentais para o entendimento da ideia central, relativa ao papel vincular que assumem as primeiras relações de um bebê com sua mãe para o desenvolvimento.

Importante referir que, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Winnicott foi convidado pelo governo britânico para ser psiquiatra consultor do plano de evacuação de crianças londrinas para o interior do país. Do mesmo modo, John Bowlby, reconhecido médico do povo britânico, elaborou posicionamento de orientações diante do desfazimento das famílias e dos efeitos da separação na vida infantil. A orientação de ambos os médicos foi de que as crianças, minimamente, até dois anos de idade fossem mantidas em seus lares para a preservação de sua saúde psíquica. A partir dessa idade, poderiam ser enviadas para o interior da Inglaterra, em casas de famílias adotivas. Após o término da Guerra, Winnicott observou muitas queixas dos pais sobre o comportamento agressivo das crianças, que cometiam furtos na escola ou em casa, mas negavam veementemente, mesmo diante de evidências. Percebeu, assim, que a maioria daquelas crianças faziam parte do programa de evacuação realizado pelo governo e, na época tinham entre dois e cinco anos de idade quando foram separadas de seus lares e encaminhadas para outros familiares no interior. A partir das questões decorrentes da formação do vínculo e da separação precoce, quando a criança não pôde elaborar psiquicamente tal processo, desenvolve sua teoria da tendência antissocial (NEVES, 2011).

Nesse sentido, Brum e Schermann (2004, p.459) afirmam que:

Bowlby e Winnicott deixam clara a importância das primeiras relações de um bebê com sua mãe para o desenvolvimento, apesar de haver divergência em pontos importantes na teoria de cada um deles. Estar apegado a uma figura materna (conceito de Bowlby) e ser dependente de uma figura materna (conceito de Winnicott) são coisas muito diferentes, apesar de terem como base a relação vincular mãe-bebê.

Pode-se refletir que o estabelecimento de um bom vínculo familiar tem muita importância para um desenvolvimento sadio da criança, que se inicia desde bebê, através do ato de mamar, conforme aponta Winnicott (1994, p.03):

A amamentação pode se constituir em uma vivência significativa tanto para a mãe quanto para o seu bebê, tendo-se em vista que o contato do seio materno com a boca da criança favorece uma experiência de intimidade e união, proporcionando assim, satisfação, prazer e sensação de completude para a dupla envolvida. Contudo, esta vivência somente se torna possível

quando, efetivamente, a mãe possui o desejo real e a disponibilidade interna para amamentar.

Pode-se dizer que a privação do vínculo afetivo materno tem efeitos duradouros sobre a personalidade da criança, inclusive no desenvolvimento da conduta antissocial. Winnicott (2005, p.41), afirma que

A criança que furta um objeto não está desejando o objeto roubado, mas a mãe, sobre quem ela tem direitos. Esses direitos derivam do fato de que (do ponto de vista da criança) a mãe foi criada pela criança. A mãe satisfaz a criatividade primária da criança, e assim, converteu-se no objeto que a criança estava disposta a encontrar

A criança, para desenvolver-se e sobreviver precisa de cuidados primários, sendo os pais aqueles que representam o principal vínculo com o filho. Entende-se que o afastamento da criança da vida familiar pode resultar em fragilidade nesse vínculo, suscetível a ocasionar situações conturbadas ao indivíduo, como o envolvimento em atos ilícitos, visto que o sujeito se encontra frágil diante de uma vida desprovida de cuidado e atenção, podendo atingir a sensação de abandono e insegurança, devido a privação do afeto. Conforme também relata Martins (2007, p.92), atos violentos, praticados por adolescentes, podem estar ligados à ausência de vínculo e de “modelos” comportamentais a serem seguidos; sendo estas características da terceirização, crianças que são “meio” abandonadas, sem carinho, sem atenção adequada e até mesmo sem amor.

Dessa forma, segundo Winnicott a ausência da mãe, seja fisicamente ou por um cuidado afetivo insuficiente, pode prejudicar a criança e comprometer o seu senso de realidade. Assim, ainda segundo o autor, a terceirização pode ser provocada pela agressão, pelo abandono, pelo abuso, podendo ter como consequência, baixa autoestima, agressividade, dificuldade de relacionamento pessoal, entre outros sintomas.

Na perspectiva de Bowlby, é constatado que os comportamentos de apego têm efeitos duradouros sobre as condutas das crianças e dos adolescentes e a privação do vínculo afetivo seguro, causado pela negligência materna nas primeiras vivências familiares, podem trazer consequências de modo a interferir no

desenvolvimento saudável da personalidade dos filhos nos relacionamentos posteriores. Bowlby, (1984, p.35), relata que:

as crianças que cometeram diversos crimes, que pareciam não ter sentimento por ninguém e com as quais era muito difícil lidar, tinham tido um relacionamento profundamente perturbado com suas mães nos primeiros anos de vida. O roubo contumaz, a violência, o egoísmo e a má conduta sexual são algumas de suas características menos agradáveis.

Segundo Bowlby (2002, p.45) a privação prolongada de cuidados maternos para uma criança muito nova pode causar graves consequências no caráter, efeitos esses que podem se prolongar por toda a sua vida futura. Isso pode ser aplicado tanto a criança do orfanato, quanto àquelas que sofrem separações dos pais, ou mesmo para aquelas que, apesar de viverem em seus lares, são abandonadas por negligência ou omissão. Quando a mãe não se faz presente ou mesmo que esteja em sua presença física encontra-se emocionalmente distante, bem como a própria ausência do pai, poderá ocasionar um impacto negativo no infante, tornando-o passivo de maiores riscos para desenvolver dificuldades relacionais posteriores.

Isso posto, entende-se que os cuidados suficientemente bons e os vínculos de apego saudáveis referem uma qualidade de disponibilidade afetiva dos pais ou dos pais substitutos que não necessariamente serão encontradas nos genitores, assim como nos irmãos, nas babás, nas avós, nos professores de creches e de berçários. A problematização cresce na medida em que, dentro de uma relação de terceirização do cuidado, há a implicação da prestação do serviço e relação comercial em uma estrutura socioeconômica pautada no valor de trocas comerciais, o que simplifica ainda mais a questão do vínculo e objetifica o cuidado. Reitera-se, aqui, a questão: é terceirizável o envolvimento emocional necessário para proporcionar a base e segurança indispensáveis para o crescimento humano?

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a produção deste artigo, constatou-se a carência de materiais que abordem a temática, com isso, nota-se a necessidade da continuidade desse estudo que é relevante, na medida em que apresenta perspectivas contemporâneas dos

modos de cuidar da infância e de oportunizar ambientes suficientemente bons e vínculos seguros para o desenvolvimento da saúde mental do indivíduo.

A busca por materiais acadêmicos, resultou em 70 periódicos encontrados, dentre eles 29 pertinentes à pesquisa e 41 irrelevantes. Alguns materiais foram localizados, fora das plataformas de busca acadêmica, em sites especializados, blogs de psicologia e trabalhos acadêmicos não submetidos, que abordam as consequências da fragilidade do vínculo familiar, tipos de terceirização do cuidado e motivos que levam os pais a delegarem o cuidado de sua criança à outros, com isso, a constatação é de que a discussão tem acontecido no campo informal, nas reflexões e práticas profissionais de acesso ao grande público. Apesar de sua relevância temática, não foram incluídos pela não submissão acadêmica aos critérios de validade científica.

Categorizando os resultados, obteve-se o seguinte quadro comparativo:

Quadro 1: comparativo dos resultados encontrados:

Categorias	Quantidade de Artigos
Institucionalização e seus desdobramentos	4
Participação do pai na educação dos filhos	2
Importância do vínculo entre a mãe-bebê	18
Importância das relações e vínculo satisfatório	3
Importância do desenvolvimento emocional da criança	2

Fonte: Sales e Costa (2017)

Verifica-se que a maioria dos periódicos encontrados, julgados como relevantes à pesquisa, referem-se a importância do vínculo e relações de cuidado.

Quatro artigos referem-se à institucionalização, a maioria relatando os efeitos do abandono e a dificuldade em estabelecer uma relação de confiabilidade entre o cuidador e a criança. Apenas um dos artigos da categoria difere dessa discussão,

afirmando ser possível estabelecer um vínculo satisfatório entre o cuidador e a criança.

A participação do pai na educação dos filhos também aparece nos periódicos selecionados, porém, de forma sutil. A pouca menção da paternidade nos artigos encontrados reforça que a sociedade ainda atribui à mulher a responsabilidade de educar os filhos, enxerga o homem como patriarca da família, isentando a importância de sua presença na educação das crianças.

Dois materiais referem-se à importância do desenvolvimento emocional da criança, porém, em ambos os artigos, menciona-se a importância do vínculo e estabelecimento de relação de confiança, para a obtenção de um desenvolvimento saudável.

Em termos específicos, ao iniciar a pesquisa na plataforma de busca acadêmica SCIELO, foram utilizadas as expressões: “família”, “infância” e “cuidado”, no intuito de encontrar materiais pertinentes à pesquisa, no entanto, a busca constatou vinte e seis resultados, de assuntos variados, que, em sua maioria, diferem do estudo proposto, tratando de assuntos relacionados ao cuidado médico, odontológico, enfermagem, doenças crônicas, cuidado com crianças que tenham problemas mentais, entre outros. Apenas um artigo, faz menção ao assunto examinado: O conceito de infância na perspectiva de mães usuárias e não usuárias de creche. Esse trabalho faz uma análise do conteúdo de entrevistas com 30 mães, considerando aspectos como: a criança hoje, características e necessidades, dificuldade na criação dos filhos na atualidade, erros mais comuns na educação dos filhos e participação masculina na educação e no cuidado dos filhos.

Visando maior aprofundamento com a temática de estudo, foram inseridos na busca os vocábulos “terceirização”, “cuidado” e “infância”, porém, não houve materiais encontrados, o que resulta na constatação da falta de utilização do termo “terceirização” quando associado a indivíduos, tal expressão ainda é restritamente mencionada em casos de serviços.

Cruzando as palavras “família” e “ Winnicott” foram encontrados dois artigos que, apesar de não abordarem literalmente a temática, se aproximam da psicanálise winnicottiana na visão do cuidado infantil. No primeiro: Cuidados com a infância e a adolescência por meio de brinquedoteca comunitária, avaliou-se que as relações que se estabeleceram, baseadas na confiabilidade, fidedignidade e constância das ações, proveram às crianças e adolescentes de um ambiente humano que permitiu o

brincar espontâneo e criativo, tornando-os menos vulneráveis frente aos desafios encontrados entre o campo da saúde e do social. O segundo: Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança, se aproxima ainda mais do estudo proposto, de modo que reflete sobre a função do cuidado na constituição psíquica, discutindo os aspectos fundamentais para se pensar a clínica psicanalítica com crianças, marcada por um exercício ético, podendo contribuir para movimentar as práticas de cuidado na infância.

Ao realizar pesquisa utilizando as palavras “família”, “holding” e “maternagem”, constatou-se um único artigo, porém, intimamente ligado ao assunto do trabalho proposto, denominado de: Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção. Nesse artigo, descreveu-se o trabalho de maternagem realizado com bebês deixados para adoção em uma maternidade. Vários estudos apontam os efeitos devastadores sobre a formação das crianças, quando observadas num processo de separação dos pais. Essas crianças requerem assistência especializada para minimizar, tanto quanto possível, o prejuízo psíquico decorrente do abandono. Com base nos estudos que abordam essa temática, o serviço de psicologia dessa maternidade realiza com esses bebês a maternagem, objetivando suprir a carência de cuidados maternos e intervir através da palavra e do contato com o bebê. Longas rupturas com pessoas significativas e institucionalização prolongada agem como importantes fatores de risco para o desenvolvimento normativo da criança. A maternagem atua como fator de proteção para o desenvolvimento do bebê abandonado, promovendo saúde mental.

Cruzando os termos “vínculo”, “cuidado” e “apego”, verifica-se a presença de dois itens pertinentes à pesquisa, no que tange à importância de um vínculo satisfatório. Foram encontrados seis artigos, dentre os quais quatro foram excluídos, por não apresentarem assuntos semelhantes à temática, ligados ao ambiente hospitalar e área de enfermagem. Os demais foram analisados, visto que, mesmo de formas diferentes, abordam o conteúdo, sendo um deles bastante relevante à pesquisa, já que seu título tem forte ligação com o tema do artigo, pois trata diretamente da delegação do cuidado da criança: Mãe é a que cria - O significado de uma maternidade substituta, mostrando o significado da figura materna na promoção de saúde mental em uma relação mãe-filho, provisória e substituta, expondo que apesar de uma criança não ser criada por sua mãe biológica, a relação estabelecida

entre a mãe acolhedora e a criança ou adolescente cuidado foi compreendida como uma relação geradora de vínculo e fundamentada em sentimentos afetuosos. Já o segundo material encontrado, aborda o significado de cuidado, porém para crianças vítimas de violência intrafamiliar, mencionando o significado de cuidado, sentimento de amor e de carinho pelo familiar, importância de ações que propiciem o apego, o fortalecimento do vínculo mãe-filho e as relações familiares.

Utilizando a plataforma científica LILACS como facilitador de busca, fazendo uso de frases como “ a importância do vínculo” e “cuidado infantil”, constatou-se doze itens para a pesquisa, de modo que apenas três tem relevância em relação a temática, um deles trazendo a perspectiva de Winnicott com o desenvolvimento emocional primitivo e os concomitantes estágios que o bebê vivencia ao longo do processo maturacional: integração, personalização e realização; outro artigo expondo a teoria do apego de Bolwby, mostra a importância dos pais fornecerem uma base segura, com isso proporcionando a construção de um sentimento de confiança e segurança da criança em relação a si mesma e, principalmente, em relação àqueles que a rodeiam, sejam estes suas figuras parentais ou outros integrantes de seu círculo de relações sociais. O último aborda a importância do período inicial do desenvolvimento infantil que é fortemente marcado pela presença materna, de tal modo que uma criança não chega a se desenvolver satisfatoriamente sem estabelecer um vínculo com a mãe ou quem cumprir a função materna; Expõe também a perspectiva de Winnicott e Bolwby, autores que compõem a base da pesquisa.

Ainda fazendo uso da plataforma de busca LILACS, reforçando o que já foi mencionado anteriormente, as expressões “terceirização do cuidado infantil” e/ou “delegação do cuidado infantil” não apresentam nenhum resultado de pesquisa, esclarecendo que, cientificamente, há carência de discussões pertinentes ao assunto, que mesmo novo, traz uma importante reflexão, sobre a perspectiva do desenvolvimento emocional e do vínculo, com isso, podemos inferir que nossa sociedade científica ainda não está atenta a relevância dessa temática que desvela vários conteúdos e ressalta a compreensão do cuidado para um bom desenvolvimento afetivo, evitando consequências diversas.

A pesquisa foi realizada, também, na plataforma de busca PEPSIC, fazendo uso das mesmas palavras chaves inseridas na SCIELO. Inicialmente, ao fazer a ligação das palavras “família”, “infância” e “cuidado”, encontrou-se quatro artigos,

dois foram descartados por não serem coerentes ao estudo, mencionando área de jornalismo e enfermagem, porém, os demais, podem ser considerados como interessantes para a pesquisa, de modo que falam sobre a noção de paternidade e formas de exercer a paternidade, expondo a mudança que está acontecendo no mundo, mostrando que no país, a formação cultural do homem ainda é marcada por orientações de gênero patriarcais que imprimem forte atuação em funções menos participativas na família o que repercute no distanciamento afetivo e na educação dos filhos.

Testando, mais uma vez, os vocábulos “terceirização”, “cuidado” e “infância”, não houve material encontrado, reforçando o que já foi mencionado supra, o termo terceirização não deve ser inserido por não facilitar a pesquisa, podendo ser considerado como critério de exclusão.

Fazendo uso das palavras “ família” e “ Winnicott”, constatou-se uma boa união de termos, pois proporcionou uma quantidade significativa de textos pertinentes. Visualizou-se vinte e nove artigos, dezoito deles considerados válidos à pesquisa, pelo motivo de, mesmo de formas diferentes, abordarem a concepção de Winnicott, enriquecendo o estudo com a visão do autor sobre a importância do vínculo. Os outros onze materiais encontrados na busca foram descartados por mencionarem áreas incomuns e assuntos não pertinentes ao estudo proposto.

Por fim, unindo os termos “família”, “holding” e “maternagem” e, em seguida “vínculo”, “cuidado” e “apego”, na PEPSIC, não houve resultado de busca, diferindo da plataforma SCIELO que proporcionou textos coerentes ao trabalho, com a utilização dessas mesmas palavras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica moderna implicou em rearranjos no padrão familiar para atender às demandas do mundo atual. Nesse sentido, o modelo de família da contemporaneidade deixou de seguir os padrões existentes ao longo do percurso histórico, mencionados no estudo de Ariès, ou seja: a estrutura familiar composta pelo pai (provedor), mãe (cuidadora) e filhos.

Verifica-se que vários fatores contribuíram para as mudanças familiares e sociais, sendo uma delas a inserção da mulher no mercado de trabalho, o que gera sobrecarga e contribui para o afastamento da mãe, comprometendo a atenção,

cuidado e afeto com a criança. Com isso, a responsabilidade, educação e cuidado com dos filhos, passou a ser delegado à terceiros. Levando em consideração o que foi mencionado, o desenvolvimento do vínculo com a criança torna-se fragilizado, devido à ausência de proximidade com os filhos. Com isso, não amamentar, não colocar no colo, não dar carinho, não cuidar dos seus filhos, ou seja, a privação do laço afetivo materno, poderá acarretar em comprometimento emocional e condutas desajustadas, como dificuldades, ao longo da vida, de socialização. Essas dificuldades podem ser refletidas como decorrência da terceirização dos papéis de mãe e pai.

Outras questões pertinentes sinalizam a relevância de suporte preventivo aos processo de adoção, no sentido de favorecimento dos serviços de maternagem em crianças vítimas de abandono e de desburocratização na acessibilidade aos cuidadores substitutos. O papel do masculino ainda é referido, não somente como modelo de identificação, mas também enquanto funções de apoio à maternagem, desenvolvimento de vínculos estáveis e previsíveis e vivências de concernimento que habilitam a criança no manejo de sua própria impulsividade no espaço de alteridade. Em tempos de rearranjos familiares e adoção de crianças por casais homoafetivos, essa discussão tem especial relevância.

Diante da pesquisa realizada, constata-se a importância dos vínculos para o desenvolvimento pleno da criança e o afastamento e a negligência no cuidado, impedem a formação de um ambiente equilibrado, comprometendo a saúde física e mental dos indivíduos.

Conforme o que foi analisado durante o estudo, percebe-se que a família tem um papel importante nas questões psicológicas, devendo oferecer uma base segura e saudável para o desenvolvimento da criança, bem como fornecer um ambiente suficientemente bom de convivência, para que não prejudique a criança emocionalmente.

Por fim, concluímos que a comunidade científica ainda se encontra tímida à demanda da terceirização do cuidado infantil, mesmo sendo um tema tão presente na contemporaneidade. Com isso, constatamos a importância de investimentos em publicações sobre o assunto, entendendo ser relevante que a sociedade esteja atenta e ciente do que esse fenômeno pode proporcionar na vida de um indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro. 1981

BRUM, Evanisa Helena Maio de; SCHERMANN, Ligia. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil**: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. 2004. 467 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2003.

Bleichmar, N. M. e Bleichmar, C. L. **A Psicanálise depois de Freud: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BOWLBY, J. **Separação Angústia e Raiva**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1984.

BOWLBY, J. **A influência do ambiente no início do desenvolvimento da neurose**. International Jornal de Psicanálise, 1990, vol. 21.

BOWLBY, John. **Apego e Perda: Apego**. V. 1 da trilogia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTAS, San Tiago. **Direito de Família e das Sucessões**. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. São Paulo: Imago, 2013.

GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito civil brasileiro**, volume VI. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2008

MARTINS, Sérgio Pinto. **A terceirização e o Direito do Trabalho**. 7 ed., São Paulo, Atlas, 2005.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C.; GALVAO, C. M. **Revisão integrativa**: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 17, n. 4, Dec. 2008. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>>. Acesso em: 25 out. 2017.

NEVES, Y. M. W. A esperança e o desespero na clínica psicanalítica. In. REIS, R. **O pensamento de Winnicott**: a clínica e a técnica. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

MARTINS filho, José. **A Criança Terceirizada– Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. Editora Papirus. Campinas/SP, 2007.

PAMPLONA, Rodolfo. **Terceirização e responsabilidade Patrimonial da Administração Pública**. Revista Diálogo Jurídico, Salvador, 2002.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação – Disponível na internet em www.icpg.com.br Acessado em setembro, 2017.

WALD, Arnaldo. **Direito de Família**. 7 ed. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

WALD, Arnaldo. **O novo direito de família**. 15. ed.rev.atual.e ampl. Pelo autor, de acordo com a jurisprudência e com o novo Código Civil. (Lei n. 10.406, de 10-1-2002), com a colaboração da Prof.Priscila M. P. Corrêa da Fonseca. – São Paulo: Saraiva, 2004.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1993/2011.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e Delinquência**. 4ª ed. Editora Martins fontes. São Paulo, 2005.

NEVES, T. M. W.. A esperança e o desespero na clínica psicanalítica. In: REIS, R.. **O pensamento de Winnicott: a clinica e a técnica**. São Paulo: Dww Editorial, 2011. p. 267-297